Os Maiores de Todos os Artistas

Com seus atos e palavras, além do talento para viver,
eles iluminam o nosso mundo

HÁ NESTA terra uma multidão de artistas. Eles não pintam grandes quadros, nem esculpem estátuas memoráveis, nem escrevem poemas imortais. Seu talento é, ao mesmo tempo, mais simples e mais precioso: o talento para viver. Pelo que dizem e fazem, conseguem levantar nosso ânimo. Abrem caminhos por entre o desespero, a doença, a solidão, os dissabores e a monotonia do trabalho diário. Desempenham sua arte em silêncio, sem afetação, quase sempre sem que dela tomemos conhecimento; não ganham medalhas nem têm dias especiais em sua homenagem — enfim, não esperam coisa alguma. E, no entanto, sua maneira de encarar a vida ilumina o nosso mundo.

Os apreciadores. Eles ensinam que é tão importante desfrutar como criar.

Enquanto esperava a chegada de um jardineiro que eu mandara chamar

para remover um arbusto, comecei a concentrar minhas energias, já esperando lidar com um moroso furador de buracos, arrasado pela autocomiseração, por não ter melhorado de vida. Ele provavelmente trabalharia em silêncio, e veria com má vontade a minha presença perto dele, para me certificar de que estava plantando o arbusto no lugar certo. Ou provavelmente estaria ansioso para «dar o fora» dali, para fazer mais dinheiro em outro lugar.

Mas foi um homem jovem e exuberante que desceu do caminhão e disse: «É a senhora que deseja que eu lhe plante os lilases?» Não apenas «arbusto» ou «tufos», mas «lilases» mesmo.

Quando deu o primeiro golpe com a enxada, começou com um hino de louvor: «Que terra boa! Veja como ela pega!» Os músculos em seu ante-

braço se retesavam à medida que dava grandes cavadelas. «Eu podia ficar furando buracos o dia todo», disse, olhando para o sol, as nuvens, os rastros dos jatos cortando os céus. Um passarinho cantou numa árvore. Ele respondeu. As crianças da vizinhança vieram espiar. Ele conversou com elas, deixou que o ajudassem a levar a terra para o quintal, e lhes mostrou como aplicá-la em volta das raízes — como se fazer com que alguma coisa crescesse direito englobasse toda a arte da existência.

Uma paz profunda e celestial desceu sobre o quintal. Percebi borboletas que nunca tinha notado. Ouvimos o canto dos grilos. Quando ele se foi, imaginei-o indo a outros lugares, cosendo pequenos retalhos de alegria num mundo que, sem isso, romperia seus remendos.

Os acolhedores. Estes são como amáveis sentinelas, que respondem calorosamente quando nós, em nossa solidão, cruzamos as longas distâncias que nos separam. Alguns acenam de longe — um fazendeiro em seu trator, um operário de construção no alto do edifício, crianças num ônibus escolar; outros acenam do outro lado da rua. E ainda outros respondem ao telefone com um «alô» que tem um halo à sua volta, como se dissesse: «Que ótimo que você chamou, seja você quem for!»

Quando eu e minha irmã éramos pequenas, costumávamos caminhar por muitos quilômetros sob sol quente, pelas estradas empoeiradas, para nos sentarmos ao lado dos trilhos da estrada-de-ferro, esperando que

alguém, passando de trem, nos visse, e acenasse da janela. Alguns o faziam. Ansiosamente, respondíamos ao aceno, até que o trem desaparecesse. Voltando para casa, saboreávamos o rico sentimento de que estávamos ligadas a um mundo exterior. «Me faz pensar», disse Lois certa vez, «que alguém *sabe* que estamos aqui.»

Os libertadores. Eles desemaranham as complexidades da vida, e ajudam a retercer uma tapeçaria de belíssima simplicidade. Libertam-se dos grilhões do trivial e do sutil, para melhor espanar a poeira, e chegar ao brilho da divindade.

Num dia de verão, a vendedora de morangos bate à minha porta. Com as faces rosadas e queimada de sol, ela transmite uma aura de tranqüilidade e plenitude. Cresceu entre cantinhos gostosos, campinas ensolaradas, ouvindo o canto dos pássaros e vendo as flores crescer. «Os morangos crescem num lugar difícil, mas eu caminho por entre eles assim» (ela demonstrou, fazendo um movimento em arco com a perna) «e passo a perna lentamente, abaixando os arbustos e ervas mais altas, para que não me arranhem. Depois, faço o mesmo com a outra perna. Está vendo? É como caminhar numa almofada, e, depois que subo bastante, olho para baixo, e vejo todas aquelas coisas lá longe.»

Ela riu e corou, e acrescentou, com os olhos tão brilhantes quanto seus morangos: «Na vida, também é a mesma coisa. Temos de amaciar o caminho sob nossos pés, e passar por

Entre Aspas

NADA torna mais fácil resistir às tentações do que uma boa criação, um sólido código de valores – e algumas testemunhas. – F. P. J.

A MELHOR maneira de quebrar um hábito é largando-o. – L. A.

NINGUÉM pode ser considerado maduro até que passe a esperar o inesperado. – C. T.

A PESSOA mais culta é a que é capaz de se pôr no lugar do maior número possível de pessoas. – J. A.

SÓ DEIXE para amanhã aquilo que você está querendo morrer sem ter feito. – Pablo Picasso

O OBJETO da educação é o de preparar os jovens para que eles se eduquem pelo resto da vida. – R. M. H.

PARA aprender algo novo, volte pelo caminho que você percorreu ontem. – J. B.

A SORTE de ter talento não basta; é preciso, também, ter talento para a sorte. – Hector Berlioz

ENTREOUVIDO: «Ele trata uma idéia nova como se fosse a sua sogra.» – B. B.

E HÁ a história daquele casal que recorda a viagem à Europa mostrando slides das promissórias pagas. – M. P.

NUM *camping*, deitado num saco-de-dormir: «Se isto aqui é o seio da Natureza, podia ser mais macio.» – D. G.

FÉRIAS são um processo pelo qual os cansados se tornam exaustos. – A. H. G.

BONS tempos aqueles em que era fácil diferenciar uma praia de um campo de nudismo. – E. W.